

Experiência de Implantação da Meliponicultura como Componente Agroflorestal em Comunidades Indígenas do Rio Içana - AM

FERNANDES, Rinaldo S. IF/AM Campus são Gabriel da Cachoeira, rinaldosena@hotmail.com; SILVA, Daniel da. Escola Indígena Maadzero, danbaiwa@hotmail.com; MACEDO, Renato Luis. UFLA MG, rlgrisi@ufla.br.

Resumo

Este trabalho visa relatar a experiência da implantação da Meliponicultura em comunidades indígenas no município de São Gabriel da Cachoeira - AM, como parte do Projeto de Educação Agroflorestal envolvendo alunos e professores da Escola Indígena Maadzero, no período de 2007 a 2009, através da realização de oficinas de formação, viagens de intercâmbio e diagnóstico com entrevistas, com o intuito de registrar a compreensão ecológica dos moradores sobre as abelhas nativas. A partir de citações dos índios mais velhos, foram listados 15 tipos de abelhas produtoras de mel, para a identificação e introdução em caixas racionais. Ao longo do projeto foram implantadas 107 caixas racionais com espécies dos gêneros *Melipona* (03) e *Scapotrigona* (02) em quatro comunidades e confeccionados materiais didáticos para uso em oficinas de formação agroflorestal. O projeto despertou grande interesse pela Meliponicultura nas comunidades envolvidas e pode se tornar uma alternativa de produção no Rio Negro.

Palavras-chave: Abelhas sem ferrão, agentes agroflorestais indígenas, Tunuí Cachoeira.

Contexto

Após a demarcação das 05 terras indígenas na região do alto rio Negro - AM, conhecida como “cabeça do cachorro” onde vivem cerca de 10% de todos os indígenas existentes no país (RICARDO, 2000), e a respectiva homologação em 1998, o Movimento Indígena representado pela Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro – FOIRN iniciou a discussão temática sobre a fixação e sobrevivência das populações em cerca de 700 povoados (CABALZAR e RICARDO, 1998), que resultou no documento base do Programa Regional de Desenvolvimento Indígena Sustentável, trazendo visões, sugestões e recomendações para o diálogo com as instituições governamentais.

O documento traz uma abordagem sobre o enfoque a ser adotado em relação ao Ensino Profissionalizante para os povos indígenas e a citação dos “sistemas agroflorestais” como uma das tecnologias agroecológicas aplicáveis no contexto das comunidades indígenas do alto Rio Negro, considerando a possibilidade de interação entre os conhecimentos tradicionais das populações locais com os conhecimentos científicos, necessária para criação de novas formas de manejo compatíveis com a atual realidade socioambiental.

Apesar da longa história de contato com o colonizador europeu (CHERNELA, 1998), esses povos continuam mantendo, em graus e modos variados, seus costumes e tradições, possuindo um estreito contato com os recursos naturais existentes. Os produtores indígenas praticam uma agricultura de subsistência com lavoura de coivara em meio florestal denso ou em capoeiras e desenvolvem diversas práticas de manejo, tais como rodízio de capoeiras e roças, manejo das espécies da capoeira e plantio de espécies úteis no entorno da comunidade e no caminho das roças, sendo detentores de conhecimento muito rico sobre espécies de plantas úteis da floresta com potencial para alimentação humana e animal, fibras, corantes, plantas medicinais, madeira, que necessitam de estudos para manejo em sistemas agroflorestais.

Existem poucos estudos sobre as abelhas sem ferrão no alto rio Negro e muito menos ainda relacionando a prática da Meliponicultura com sistemas agroflorestais. Dessa maneira a criação

de abelhas em caixas racionais ainda é uma prática pouco difundida na região, embora o mel silvestre seja um produto muito apreciado pelas populações locais que o retiram na floresta.

Apesar do pouco conhecimento sobre a criação das abelhas sem ferrão em caixas racionais, muitas famílias retiram os ninhos no próprio tronco para criação no ambiente doméstico. Como se trata de uma atividade pouco dispendiosa em tempo e recursos, aliada a facilidade no manejo, muitos demonstraram interesse em aprender as técnicas de manejo. Diante deste contexto, o IFET – AM Campus São Gabriel da Cachoeira com apoio financeiro do Programa Jovem Cientista Amazônica – FAPEAM e apoio técnico do Grupo de Pesquisas em Abelhas - INPA vem promovendo ações educacionais nas comunidades indígenas voltadas para a identificação de alternativas econômicas com uso da agrobiodiversidade regional. Nessa linha, esse trabalho teve como objetivo divulgar e implantar a Meliponicultura como componente agroflorestal utilizando as diferentes espécies de abelhas nativas conhecidas pelas comunidades indígenas no rio Içana.

Descrição da Experiência

No período de fevereiro/2007 a fevereiro/2009 foi conduzido o Projeto Educação Agroflorestal para a formação dos Agentes Agroflorestais Indígenas na comunidade Tunuí Cachoeira (1° 23'26"N - 68° 9'13"W), localizada na margem esquerda do rio Içana, afluente do Rio Negro, onde vivem aproximadamente 300 indígenas distribuídos em 42 famílias da etnia Baniwa, subdivididas culturalmente nos clãs Waliperi dakeenai, Dzáawinai, Moliweni, Paráattana e Hohodeeni, dentre outros clãs menores.

Participaram do projeto 06 alunos do ensino médio e 02 professores da Escola Indígena Maadzero. A Meliponicultura foi um dos eixos temáticos desenvolvidos na formação agroflorestal através da realização de oficinas de formação teórico - práticas, viagens de intercâmbio com outras comunidades indígenas e diagnóstico com o intuito de registrar a compreensão ecológica dos moradores sobre as abelhas nativas sem ferrão.

No diagnóstico realizado pelos alunos foram utilizadas as entrevistas estruturadas recomendadas por Albuquerque & Lucena (2004), com perguntas previamente estabelecidas sobre nomes baniwas, características morfológicas e locais preferenciais onde encontrar as abelhas conhecidas.

Foram realizadas duas oficinas de formação em meliponicultura para os Agentes Agroflorestais totalizando 40 horas/aula com apoio do Grupo de Pesquisas em Abelhas - INPA, abordando os aspectos da função ecológica das abelhas, a Meliponicultura como componente de sistemas agroflorestais e a utilização do recurso sem destruição promovendo a captura e multiplicação de enxames através de divisões controladas das colônias.

Na primeira oficina de formação os alunos aprenderam confeccionar as caixas racionais de madeira modelo INPA, composta de fundo que também serve de lixeira, ninho, sobreninho, melgueira e tampa, em formato quadrado com 27 cm de lado. A obtenção de enxames ocorreu inicialmente aproveitando-se todos aqueles presentes em árvores derrubadas para aberturas das roças (Figura 1) e divisão de algumas colônias preexistentes, evitando-se ao máximo a derrubada de novas árvores na floresta.

Foram realizadas quatro viagens de intercâmbio nas comunidades indígenas Warirambá no rio Cuiari, Castelo Branco no rio Içana, Canadá no rio Ayari e Itacoatiara Mirim na Zona Comunitária Indígena do município para troca de experiências agroflorestais e realização de oficinas de formação em Meliponicultura, onde os agentes participaram como instrutores nas atividades práticas de captura de abelhas nativas e implantação de novos meliponários no entorno das comunidades visitadas.

Resultados

O diagnóstico realizado revelou uma lista com 15 tipos de abelhas nativas reconhecidas a partir da percepção dos moradores da comunidade (Tabela 1), que são procuradas na floresta para a retirada de mel, muitas vezes de forma predatória, tendo em vista, a destruição dos ninhos, fato que pode ser evitado com a implantação de meliponários.

Durante a primeira oficina de formação em junho de 2007, foi montada uma unidade demonstrativa na comunidade com 10 caixas racionais modelo INPA e posteriormente ampliada para 62 colônias no final de 2008, finalizando o projeto com 107 colônias, que serão divididas posteriormente para formação de novas colônias.

Foram identificadas até o momento as espécies *Melipona eburnea* (Kettole), *Melipona crinita* (Kerade), *Melipona fuliginosa* (Dzawimapani), *Scaptotrigona* sp (Koemapani) e *Frieseomelitta* sp. (Mapiwa) que estão sendo criadas no entorno da comunidade (Figura 2), integradas aos quintais agroflorestais que circundam as moradias, formados por um grande número de espécies frutíferas que oferecem proteção contra insolação e correntes de ventos fortes, prejudiciais para as abelhas, podendo-se destacar na composição as seguintes espécies: açaí (*Euterpe oleracea*), abiu (*Pouteria caimito*), goiaba (*Psidium guajava*), cupuaçu (*Theobroma grandiflorum*), umari (*Pouraqueiba sericea*), ingá (*Inga edulis*), pupunha (*Bactris gasipaes*), urucum (*Bixa orellana*), cuia (*Crescentia cujete*), cupuí (*Theobroma subincanum*), caju (*Anacardium occidentale*), biribá (*Rollinia mucosa*), cucura (*Pourouma cecropiifolia*), dentre outras plantas utilizadas no cotidiano doméstico, tais como as condimentares e medicinais.

Entretanto, foi registrado na comunidade o ataque da abelha limão (*Lestrimellita limao*), principal inimigo natural das abelhas sem ferrão e que tem sido um dos fatores limitantes da manutenção de meliponários em algumas comunidades indígenas do rio Içana em função dos danos provocados às colônias.



FIGURA 1. Captura de enxame em troncos de árvores em uma roça na Comunidade Canadá – Rio Ayarí, São Gabriel da Cachoeira - AM



FIGURA 2. Meliponário na Comunidade Tunuí – Rio Içana, São Gabriel da Cachoeira - AM

A partir dos conhecimentos gerados ao longo do projeto através das pesquisas em campo foram organizados uma cartilha e um DVD sobre criação de abelhas sem ferrão para apoio didático nas viagens de intercâmbio realizadas pelo grupo de alunos que já implantaram meliponários nas comunidades Warirambá, Castelo Branco, Canadá e Itacoatiara.

Considerando a necessidade de conhecimentos básicos sobre a biologia e comportamento das abelhas nativas, o interesse pela Meliponicultura, despertado nas comunidades visitadas, deve ser incentivado através de outros cursos de capacitação com acompanhamento periódico, tendo

Resumos do VI CBA e II CLAA

em vista a facilidade no manejo das colônias e o baixo dispêndio de mão de obra nessa atividade. Finalmente, a associação da meliponicultura aos sistemas agroflorestais, pode contribuir para o aumento da produção de alimentos e favorecer a segurança alimentar e nutricional nas comunidades, considerando-se os benefícios ecológicos promovidos pelas abelhas através da polinização. Dessa forma, a Meliponicultura pode servir como alternativa de fomento à produção nas comunidades indígenas do alto rio Negro.

TABELA 1. Abelhas produtoras de mel conhecidas na comunidade Tunui Cachoeira.

Nome Baniwa	Nome Português	Grupo
Koitsimapani	Abelha mutum	Trigonini
Manapimapani	Abelha sarapó pintado	Trigonini
Kottero	Abelha brava	Trigonini
Ttidzeemapani	Abelha de fogo	Trigonini
Kamaramapani	Abelha cupim	Trigonini
Eenoi	Abelha do universo	Trigonini
Phitsimapani	Abelha cutia	Trigonini
Koemapani	Abelha canudo	Trigonini
Mapolhedaoro	Abelha cisco dos olhos	Meliponini
Monedape	Abelha mangaba	Meliponini
Moone	Mangaba	Meliponini
Mapiwa	Abelha tímida	Meliponini
Dzawimapani	Abelha onça	Meliponini
Kettole	Abelha cinzenta	Meliponini
Kerade	Abelha brilhosa	Meliponini

Referências

ALBUQUERQUE, U.P. LUCENA, R.F.P. *Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica*. Recife: Editora LivroRápido/NUPEEA, 2004. 189p.

CABALZAR, A., RICARDO, C.A. *Povos indígenas do Alto e Médio Rio Negro*: Uma introdução à diversidade cultural e ambiental do noroeste da Amazônia Brasileira. São Paulo/ São Gabriel da Cachoeira: ISA / FOIRN. 1998.

CHERNELA, J.M. Missionary activity and Indian labor in the Upper Rio Negro of Brazil, 1680-1980: a historical-ecological approach. In: BALÉE, W. (ed.). *Advances in historical ecology*. New York: Columbia University Press. 1998.

RICARDO, C.A. *Povos indígenas do Brasil 1996/2000*. São Paulo: Instituto Sociambiental. 2000.